


APRESENTAÇÃO

DE RESÍDUOS, TRADIÇÕES E RUPTURAS

Francisco Vicente de Paula Júnior¹

 0000-0003-3992-8765

O presente dossiê, da *Revista Letras Escreve*, a modos de alaúde medieval, traz em seu bojo os textos produzidos para a *X Jornada de Residualidade-X JORLIC*, cujo tema central foi o mesmo que serviu para dar nome a este volume: “Tradição e Ruptura: Resistência e Resíduo”. E se nomes são importantes, este tem nomes que, pela envergadura dos trabalhos, enfileirados como *naus catarinas*, chegam além-mar e áfricas.

Organizado pelo Grupo de Estudos de Residualidade Literária e Cultural-GERLIC (Cnpq/UFC/PPGLetras), com apoio do Programa de Pós-Graduação em Letras-Literatura Comparada, e dos grupos de pesquisa integrantes da nucleação dos estudos de residualidade, o evento ocorreu na Universidade Federal do Ceará, por obra e graça dessa plêiade de residualistas, hoje espalhados em várias Instituições de Ensino Superior do Brasil, a saber: LETRAR-Literatura em Estudos Transdisciplinares e Residuais, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM); GERAM-Grupo de Estudos em Residualidade Antigo-Medieval, da Universidade Vale do Acaraú (UVA); GIELLUS-Grupo Interdisciplinar de Estudos Literários Lusófonos, da Universidade do Estado da Paraíba (UEPB); NePC-Núcleo de Pesquisas Pós-coloniais, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); GRELF-Grupo de Estudos de Literatura Fantástica e GPPO-Grupo de Pesquisa em Poéticas da Oralidade, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); NETCELIL-Núcleo de Estudos Teórico-Críticos em Escrita Literária e Interações Linguísticas (IFCE-UMIRIM); e ainda por pesquisadores que trabalham com “Residualidade à paraibana”, na UFPB, onde o resíduo é masculino e feminino, sim senhor! Mas, que Resíduo é esse? Que resíduo é esse?

Quando conheci a Teoria da Residualidade, em 1995, ela não mais engatinhava, melhor dizendo, era quase uma mocinha que já cabriolava e dava piparotes acintosos

¹ Doutor em Letras (Literatura e Cultura) pela UFPB e desenvolve pesquisas em Literatura Fantástica, Feminismo na Literatura, Assédio Moral, Bullying e Cultura Popular. Possui mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Professor adjunto da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. E-mail: vicenthy@yahoo.com.br.

em teorias coevas que lhe puxavam o vestido de chita. O pai, garboso, andava todo prosa às voltas com outros conceitos como hibridação, cristalização e endoculturação que adornariam a vestimenta, ou armadura, que deixaria galharda a filha majestosa.

Alimentada pelos frutos suculentos que pendiam de árvores sábias lavradas por Le Goff, Georges Duby e Raymond Williams, cresceu, vicejou, floresceu e produziu frutos a cento por um. E hoje, ei-la aqui, balzaquiana, mas atual, incidindo mormente sobre a Cultura e a Literatura brasileiras, e por que não dizer sobre as mais diversas áreas do conhecimento humano, com status de método, enchendo de orgulho o seu progenitor.

Espraiada por todo o Brasil e alhures, em cada aula, em cada jornada, em cada seminário, nas mais distintas universidades, a sensação é de constante atualização e preenchimento dessa relação difícil, mas fascinante entre presente e passado, na teoria que os envolve e nos resíduos que os conectam. Da graduação ao doutorado, percebo um aumento dessas importantes ramificações em singulares estudos que promovem o amálgama do ontem com o hoje.

Os textos desta coletânea, por exemplo, reverberam essas muitas conexões, que embora discutindo a tradição, evidenciam rupturas que só confirmam, segundo Roberto Pontes, que “a força do resíduo está (mesmo) nos que vieram antes de nós”. É por isso que o paradoxo proposto por Roger Chartier, *Passado Presente*, é revelador quando aponta o que mais ameaça a teoria residual, o esquecimento.

Dessas tantas vozes que resistem, urge a necessidade de conhecer melhor a oratura, imediatamente ágrafa que, imantada pela oralidade, passa de geração a geração, em narrativas cosmológicas, identitárias, como se observa nos trabalhos de Hellen Simas e Rubenita Alves Moreira, sobre a literatura e os mitos indígenas, ou de Marcos Paulo sobre a literatura quilombola, nas quais memória e identidade compõem o importantíssimo quadro de resistência.

Alçando voos mais distantes, com Mary Nascimento, a residualidade cultural e literária, sob o viés da endoculturação, analisa uma perspectiva de memória coletiva, no caso hispano-português, sobre a máquina secular de fazer gente. Trazendo-nos de volta, Stélio Torquato e Arusha Kelly apontam, na poesia popular, o catolicismo do medievo com suas mentalidades obtusas e práticas amedrontadoras fazendo-nos ver que, em termos residuais, Roma inteira cabe num cordel.

O texto de Tito Barros, sobre resíduos tardo-medievais, na cultura que defendemos como “brasileira”, atesta o inegável processo de endoculturação por que passamos e confirma o eco permanente dos resíduos. Da mesma forma, devemos observar a ressonância da voz feminina no romance histórico atual, como defende Aldinida Medeiros, porque configura melhor a própria resistência do feminino e suas demandas.

Na esteira dessa abordagem, que une Residualidade e Gênero, estão os trabalhos de Juan Jurado-Centurión, e o de Jéssica Thais Loiola em coautoria com Elizabeth Dias. O primeiro aborda junguianamente elementos arquetípicos da obra clariceana e a forma como esta autora os utiliza em seu discurso metafórico contra o patriarcado. As duas últimas, com ousadia, apontam uma residualidade estética para comprovar, acertadamente, o período eclético ou sincrético do pré-modernismo a partir dos temas ousados da poesia giliana.

Corajosamente, numa atitude abismal, quase nietzschiana, a criatura olha para o seu criador, ou seja, no texto de Fernanda Diniz, a Residualidade serve de suporte para a análise literária metapoemática do verbo encarnado soprado política e poeticamente na boca da palavra. Do mesmo modo, comportam-se Leonildo Cerqueira em coautoria com Elizabeth Martins ao destacarem, também na obra ponteana, o imaginário do medo nas muitas lições que filosoficamente o Tempo nos dá.

Por fim, orgulhoso de ser também um residualista, defendo, a partir dos trabalhos aqui elencados, que a Teoria da Residualidade cultural e literária, essa jovem e esfíngica senhora, tornou-se uma importante ferramenta de análise, uma rica e segura abordagem, para os mais diversos textos e manifestações, atemporais, escritos ou não, pois afirmamos, retomando Jauss, que, certamente, o que é velho ou tradicional hoje, se assim se pode dizer, já foi, “em seu tempo”, “exemplo de ruptura” artística e estética, e, por isso, permanece.